



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12229 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

UM SER-FAZER ESCOLA INDÍGENA TIKMŨ'ŨN QUE RESISTE AO SISTEMA EDUCACIONAL DOMINANTE

Paula Cristina Pereira Silva - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Lucio Flavio Coelho Maxakali - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Vanessa Sena Tomaz - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ/FAPEMIG

UM SER-FAZER ESCOLA INDÍGENA TIKMŨ'ŨN QUE RESISTE AO SISTEMA EDUCACIONAL DOMINANTE

A Constituição Federal de 1988 assegura aos povos indígenas uma educação específica e diferenciada. Entretanto, como explica a professora indígena Rita Potiguara, os contextos escolares indígenas no Brasil que fogem completamente da lógica do sistema de ensino dominante, não têm “[...] amparo, apoio, não tem acolhida, reconhecimento pelos conselhos e secretarias da educação. É algo que os professores e comunidades tão fazendo no seu cantinho sem o sistema de ensino saber” (NASCIMENTO, 2020, *on-line*, transcrição nossa).

O contexto educacional dos Tikmũ'ũn, povo indígena de Minas Gerais, também conhecido como Maxakali, falantes da sua língua nativa, não difere do panorama nacional. Apesar de terem uma escola indígena em funcionamento desde a década de 90, momento em que os tikmũ'ũn assumiram a docência em suas escolas, o Estado não reconhece a equivalência dessa escola à educação básica, ainda que seus alunos frequentam a escola por aproximadamente onze anos, portanto, não os certifica. Como consequência, há um número considerável de jovens e adultos que já concluíram a escolarização tikmũ'ũn, mas que não podem acessar os níveis superiores de educação, o que é uma reivindicação antiga deles (CONEEI, 2009). Além disso, os Tikmũ'ũn enfrentam a precária infraestrutura de suas escolas, no geral, não possuem água, botijão de gás, equipamentos audiovisuais e materiais de consumo. Há ainda recorrentes tentativas da secretaria de educação de traduzir para o currículo das escolas tikmũ'ũn a organização por ciclos/séries e/ou disciplinas das escolas não

indígenas.

Em experiências anteriores de trabalho com os Tikmũ'ũn, percebemos que esse povo resiste às pressões assimilacionistas do estado e pratica coletivamente um fazer escola específico e diferenciado, o que acirra as dissonâncias entre os projetos idealizados pela secretaria e o ser-fazer da escola tikmũ'ũn. Assim, para que pudéssemos conhecer a educação escolar tikmũ'ũn, fizemos uma pesquisa de doutorado no território de Água Boa, localizado em Santa Helena de Minas. Inicialmente, seguimos a diretriz metodológica na perspectiva cosmopolítica (STENGERS, 2002) e convidamos os professores tikmũ'ũn para pesquisar conosco, concretizando um 'estar e fazer juntos'. Como resposta, eles aceitaram participar, mas desde que pesquisassem seus próprios temas e questões, criando-se assim uma rede de pesquisadores tikmũ'ũn, do território de Água Boa: *Hãm Yikopit* (Perguntar para à Terra), onde nos inserimos.

Com membro da rede, passamos a investigar os aspectos constituintes do ser-saber-viver tikmũ'ũn, esboçados por meio das pesquisas realizadas pelos próprios indígenas, e como esses aspectos se entrelaçam com um ser-fazer escola tikmũ'ũn, foco deste artigo. Para tanto, compartilhamos o cotidiano da escola junto com os Tikmũ'ũn, em parceria com o segundo autor deste trabalho. Além disso, como cada um da rede desenvolvia sua pesquisa com sua aldeia, fazíamos encontros de 'orientação coletiva', onde os pesquisadores socializavam seus trabalhos e todos davam sugestões e ajudavam nas indicações de novas ações. Ao participarmos desses encontros, fomos aprendendo sobre vários aspectos que compõem a cosmovisão tikmũ'ũn e estruturam o ser-saber-viver desse povo. Tais aspectos, passaram a fundamentar teórica e metodologicamente as pesquisas da rede, inclusive a investigação que realizamos sobre o ser-fazer escola tikmũ'ũn.

Na escola tikmũ'ũn, as formas de aprender partem de saberes advindos com os parentes mais próximos, como o pai, a mãe, a avó, o avô, entre outros. Essa forma de aprender tikmũ'ũn se dá com o corpo todo, vendo-ouvindo-fazendo, fazendo por meio da imitação com os mais velhos e/ou com os que possuem mais experiência sobre determinado saber ou fazer, fazendo juntos. Para tanto, o aprendiz tikmũ'ũn deve assumir um papel ativo, sendo à vontade e iniciativa 'pré-requisitos' para se aprender. Nessa perspectiva de aprendizagem, não se separa corpo e mente, razão e emoção, pensamento e ação. Assim, o conhecimento para os Tikmũ'ũn não é algo inerte na natureza, ou seja, à espera de ser tomado, mas ele é construído por meio de relações com diversos seres outros que possuem agência, inclusive os ocidentalmente considerados 'não humanos', que estabelecem por meio de um contínuo movimento de afeto, ou seja, de cuidado. Cuidar para os tikmũ'ũn implica em ação (agir), ou seja, movimentar-se e engajar-se com as vidas, as lutas, as demandas, daqueles com quem nos relacionamos. Há um potencial transformativo na aquisição de conhecimentos, que para os tikmũ'ũn implica, inclusive, na constituição de um corpo forte, ou seja, aquele que conhece mais seres, saberes e fazeres principalmente os advindos das histórias e dos cantos de *yãmĩyxop*. De acordo com Tugny (2011), os *yãmĩyxop* são uma miríade de povos cantores, traduzidos pelos Tikmũ'ũn ora como 'imagens', ora como 'espíritos', que possuem vastos repertórios de cantos que

trazem consigo preciosos aprendizados sobre quase tudo que os Tikmũ'ũn conhecem. Como nos ensinaram os pesquisadores tikmũ'ũn, os *yãmĩyxop* não somente agem nas suas sociabilidades, como são um dos primeiros mestres com quem aprendem desde novos diversos dos conhecimentos que os constituem enquanto povo indígena.

Baseado nesses aspectos, pesquisar com Tikmũ'ũn é um fazer coletivo que só é possível por meio de um *fazer estando juntos xê'ênãg*, ou seja, um 'fazer estando junto de verdade/bonito', pois nos alinhamos aos aspectos do ser-saber-viver tikmũ'ũn. São esses aspectos que também reverberam nas diversas práticas pedagógicas que vivenciamos na escola, que nos permitem caracterizar uma educação indígena tikmũ'ũn específica e diferenciada. Nas escolas tikmũ'ũn, no território de Água Boa, a educação é feita por muitos seres, não apenas pelos professores 'oficiais'. Ela é guiada por um repertório de práticas educativas ancestrais tikmũ'ũn, incluindo os cantos de *yãmĩyxop*, tendo a vontade e a iniciativa do aluno como um pressuposto para aprender vendo-ouvindo-fazendo. Essa forma de aprender se dá por meio de um contínuo movimento coletivo e interativo entre múltiplos seres que se juntam para se envolver e cuidar da mãe Terra, respeitando a autonomia do aluno. Enquanto filhos da Terra que são, os Tikmũ'ũn precisam da Terra para continuarem vivendo, pois grande parte dos seus seres, saberes e fazeres estão associados a ela.

Portanto, o ser-fazer escola tikmũ'ũn se alinha às dinâmicas, demandas e movimentos da aldeia. Nessa perspectiva, estamos diante de uma escola que pode ser vista como espaço de relações diversas, alinhado com os aspectos do ser-saber-viver tikmũ'ũn, que se alicerçam na cosmovisão desse povo. Dessa forma, não é possível fazer qualquer tradução desse modo singular de produção de conhecimento que entrelaça escola-comunidade para um sistema ocidental dominante, que fatia o tempo, espaço, que individualiza a ação pedagógica em áreas de conhecimentos e, geralmente, em uma única pessoa, o professor. Qualquer tentativa nessa direção reitera práticas colonizadoras e aprofunda violências históricas por meio da escola.

Palavras-chave: Ser-saber-viver Tikmũ'ũn; Metodologia de Pesquisa Indígena; Escola Tikmũ'ũn_Maxakali.

REFERÊNCIAS

CONNEL. (Org) MAXAKALI et all. *I Conferência na comunidade educativa nas escolas indígenas - etapa local*. 2009. Disponível em: <<http://livrosdafloresta.letras.ufmg.br/conneei.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2022.

NASCIMENTO, Rita. *Educação escolar indígena e decolonialidade*. Canal do Tudo Educa no YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=viZzvGLASaQ&feature=youtu.be>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

STENGERS, Isabelle. Beyond conversation: the risks of peace. In: *Process and difference: Between Cosmological and Poststructuralist Postmodernisms*. Albany: Tate University Of New York Press, 2002. p. 235-255.

TUGNY, Rosângela. *Canto brilho Tikmũ'ũn no limite do país fértil*. Mimeo. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2011.

